RELATO DE PESQUISA

A construção "cortei o cabelo" em português brasileiro: uma abordagem construcionista baseada no uso

Isabella Amarante MACIEL
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Larissa Santos CIRÍACO
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

OPEN ACCESS

EDITADO POR
- Fernanda Rosa da Silva (UFMG)
- Luiz Fernando Ferreira (UFRR)
- Marta Donazzan (CNRS;NU)

AVALIADO POR
- Wellington Araujo Mendes Junior (UFU)
- Ivo Rosário (UFF)

SOBRE OS AUTORES
- Isabella Amarante Maciel
  Conceitualização, metodologia, investigação, curadoria de dados, análise formal, redação.
- Larissa Santos Ciríaco
  Supervisão, administração de projetos, obtenção de financiamento, conceitualização, análise formal, redação.

DATAS
- Recebido: 30/09/2025
- Aceito: 03/07/2026
- Publicado: 18/09/2026

COMO CITAR
Maciel, I. A.; Ciríaco. L. S. A construção "cortei o cabelo" em português brasileiro: uma abordagem construcionista baseada no uso. *Revista da Abralin*, v. 25, n. 2, p. 91-111, 2026.

RESUMO

A construção ‘cortei o cabelo’ apresenta um sentido específico e especial: o de que o participante sujeito teve seu cabelo cortado. Neste artigo investiga-se como os usuários da língua fazem uso da construção e por que esse sentido é usado. Com base na abordagem construcionista baseada no uso (Goldberg, 1995, 2006, 2019; Barlow, Kemmer, 2000; Bybee, 2010; Langacker, 2013, Tomasello, 1998; 2003, 2008; Evans, Green, 2006; Croft, Cruise, 2004) e uma metodologia que combina análise de corpus e dados de um questionário, argumenta-se que a construção ‘cortei o cabelo’ emerge como construção de estrutura argumental na língua a partir da construção transitiva, dado que esta apresenta alta disponibilidade cognitiva. Também argumentamos que o uso da construção é motivado por sua função, qual seja, comunicar que um serviço ou cuidado foi obtido *como se* fôssemos, de alguma maneira, o agente, mesmo que não tenhamos realizado o evento descrito pelo verbo. Uma vez reconhecida a função da construção, todas as suas propriedades se motivam naturalmente, tais como: sua forma, seu sentido, sua distribuição e sua combinação com outras construções.

ABSTRACT

The ‘cortei o cabelo’ (I cut my hair) construction has a very special meaning: one in which the participant in subject position had her/his hair cut. This article investigates how language users employ this construction and why its meaning is used. Based on a usage-based constructionist approach (Goldberg, 1995, 2006, 2019; Barlow, Kemmer, 2000; Bybee, 2010; Langacker, 2013; Tomasello, 1998; 2003, 2008; Evans, Green, 2006; Croft, Cruise, 2004) and a methodology that combines corpus analysis and data from a questionnaire, it is argued that the ‘cortei o cabelo’ construction emerges as an argument structure construction in the language based on the transitive construction, given that the latter displays high cognitive accessibility. We also argue that the use of the construction is motivated by its function, which is to communicate that a service or care was obtained as if we were, in some way, the agent, even if we did not perform the event described by the verb. Once the construction’s function is recognized, all its properties are naturally motivated, such as: its form, its meaning, its distribution, and its combination with other constructions in the language.

PALAVRAS-CHAVE

Construção ‘cortei o cabelo’. Cenário convencionalizado. Fatores funcionais. Abordagem construcionista baseada no uso.

KEYWORDS

‘Cortei o cabelo’ construction. Conventionalized scenario. Functional factors. Usage-based constructionist linguistics.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Falantes do português brasileiro usam frases como ‘cortei o cabelo’ de maneira diferente do que se espera na gramática tradicional. Ao dizer isso, o usuário da língua não quer dizer que cortou o próprio cabelo com as próprias mãos, mas que foi ao cabeleireiro e recebeu esse serviço. Essa forma de falar é bastante comum no dia a dia e mostra como a língua muda e se adapta às necessidades de quem a usa. Neste trabalho, investigamos por que e como esse tipo de construção é tão usado, mesmo parecendo diferente do modelo “padrão”, como em ‘cortei o bolo’. Para isso, analisamos exemplos reais extraídos de um banco de dados com textos da internet e também coletamos dados sobre como as pessoas entendem e usam essas expressões. Descobrimos que esse jeito de falar segue padrões que fazem

sentido dentro do uso comunicativo da língua e integram a forma da frase, o significado e o contexto em que ela aparece. Ou seja, a expressão 'cortei o cabelo' funciona tão bem porque já está ligada a uma situação comum – a de prestar um serviço ou cuidado.

Introdução

A construção 'cortei o cabelo' é um padrão oracional convencional que apresenta um sentido especial, não deduzível da composição dos sentidos das palavras que a preenchem. Embora na forma a construção seja uma simples transitiva, semanticamente o participante em posição de sujeito não é aquele que corta, mas sim aquele que recebe o corte de cabelo. Apesar de ser uma construção que apresenta um nicho comunicativo específico (cf. seção 3.3), ela é bastante usual em português[1], podendo se referir a um serviço prestado, como ocorre em (1) e (2), em que o participante sujeito se responsabiliza ou apresenta a capacidade de consentir (cf. dados do Sketch Engine - Brazilian Portuguese Corpus, retirados de Maciel, Ciríaco e Santos (2022)), ou a algum cuidado, como ocorre em (3) e (4), em que o participante sujeito apresenta a capacidade de intervir ou impedir (cf. dados coletados espontaneamente):

(1) Nunca fui assaltada, mas **instalei a cerca** para evitar a aproximação de ladrões.

(2) **Abasteci o carro** duas vezes, em postos diferentes.

(3) **Gabriela** já **escovou os dentes**? (pergunta de membro da família para bebê de 2 anos)

(4) **Gabriela** está pronta, já até **penteou o cabelo**. (descrevendo o estado da bebê de 2 anos)

Mesmo já tendo tido algumas de suas restrições semânticas descritas (cf. Ciríaco, 2015; Maciel, Ciríaco e Santos, 2022), ainda não se esclareceu como a construção 'cortei o cabelo' emerge na língua, nem por que ela é usada. Para abordar essas duas questões, adotamos uma abordagem construcionista baseada no uso (Goldberg, 1995, 2006, 2019; Barlow e Kemmer, 2000; Bybee, 2010; Langacker, 2013; Tomasello, 1999; 2003, 2008; Evans e Green, 2006; Croft, 1998; Croft e Cruse, 2004), cujos conceitos mais relevantes para o artigo serão explicados na seção 1. Também adotamos uma metodologia, explicitada na seção 2, que combina análise qualitativa de dados de corpus (Corpus do

[1] A construção também é usual em outras línguas. Em inglês, falantes nativos têm usado '*I cut my hair*' com o mesmo sentido; em italiano, '*Ho tagliato i capelli*'; e em albanês, '*(Unë) preva flokët*'. Voltaremos a esses dados mais adiante, em seção própria.

Português - NOW; Davies, 2016) e análise quantitativa dos dados de um questionário aplicado com falantes nativos.

Na seção 3, mostramos que a construção 'cortei o cabelo' é uma construção de estrutura argumental que emergiu a partir da construção transitiva (Ciríaco, 2014), dada sua alta cobertura (*coverage*, cf. Goldberg, 2019) na língua e, consequentemente, sua alta acessibilidade e disponibilidade cognitiva (cf. Suttle e Goldberg, 2011). Os dados mostram que o emprego da construção é dinâmico, sujeito ao uso da língua e que restrições lexicais, como a de sujeito beneficiário, não podem explicar como os falantes usam a construção (cf. Ciríaco, 2025), mas apenas um contexto ou cenário convencionalizado de uso. Também argumentamos que o uso da construção é motivado: é a necessidade comunicativa (a função) que determina o uso da forma transitiva (SVO) pareado ao significado especial (não composicional) de 'cortei o cabelo'. Por sua vez, uma vez reconhecida a função da construção, é possível prever várias de suas características (cf. Herbst e Goldberg, 2021), como o uso da forma transitiva, o sentido da construção, as combinações possíveis entre construção e tipos de eventos ou entre construção e outras construções, além da impossibilidade de o sentido da construção ser passivizado.

Na seção 4 discorremos brevemente sobre a ocorrência da construção em outras línguas, apontando um tema para pesquisa futura. Por fim, concluímos o artigo na seção 5.

1. Abordagem construcionista baseada no uso

As abordagens construcionistas baseadas no uso entendem a linguagem como um meio de comunicação formado por uma rede de pares convencionalizados de forma e função – as construções linguísticas (Goldberg, 2013). Todo conhecimento que os usuários têm das construções de sua língua se ancora no uso e é armazenado na cognição de forma rica e complexa (Goldberg, 2019). Dentre as construções linguísticas, destacam-se as Construções de Estrutura Argumental (CEAs), que representam cenas básicas da experiência humana (Goldberg, 1995). Por exemplo, a construção transitiva é uma CEA que representa a cena comum de um agente agindo sobre um paciente (ex. Bernardo martelou o prego). Também é possível que haja extensões desse sentido a fim de acomodar necessidades de expressão diversas. Por exemplo, uma extensão comum é aquela em que a construção transitiva também fala de cenas em que um experienciador sente algo em relação a um objeto (ex. Bernardo adora sobremesa).

Outro tipo de uso acontece com a construção 'cortei o cabelo', quando os falantes se apoiam em um padrão conhecido, como o transitivo, para criar um novo sentido que veicule a mensagem pretendida. Nesse caso, todo o contexto comunicativo de *agendar um horário com o cabeleireiro*, *ir ao salão*, *pedir ou dar instruções sobre o corte*, *esperar sua realização*, *pagar pelo serviço e deixar o salão* é empacotado semanticamente em um cenário convencionalizado associado à forma de uma construção básica como a transitiva. Afinal 'cortei o cabelo' comunica todos esses pedaços de informação e é muito mais concisa do que dizer algo como '(fui ao cabeleireiro e) tive meu cabelo cortado', por exemplo. Ela é a alternativa mais eficiente que o usuário da língua encontrou para comunicar a mensagem pretendida: transmite a mensagem do resultado do que aconteceu (a parte verbo +

complemento) ao mesmo tempo em que permite veicular a agentividade, mesmo que periférica, do participante que teve o cabelo cortado (afinal ele agendou o serviço, consentiu com ele, pagou por ele, etc.) ao colocá-lo na posição de sujeito, uma posição tipicamente associada ao agente.

As construções linguísticas são representadas na memória como *clusters* – agrupamentos de informação e de conhecimentos inter-relacionados dentro do nosso espaço conceitual hiperdimensional e altamente complexo (Goldberg, 2019) – que se formam a partir de traços imprecisos de memória, com base em semelhanças de forma, função e contexto. Quanto mais uma construção é usada (ou testemunhada sendo usada), mais sua representação é reforçada na memória, de modo que certas construções se tornam mais acessíveis cognitivamente – isto é, mais facilmente recuperadas na memória – seja por serem mais frequentes, mais familiares[2] ou mais semanticamente relacionadas ao contexto linguístico ou situacional. A variabilidade de uso de uma construção, ou seja, o número de verbos diferentes com as quais ela é usada, também favorece sua acessibilidade. Desse modo, a construção transitiva, por exemplo, pode ser considerada uma construção altamente acessível cognitivamente: além de ser altamente frequente, muito familiar e semanticamente relacionada a um contexto situacional básico da experiência humana, é também altamente variável, sendo usada com muitos (tipos diferentes de) verbos. Em outras palavras, o *cluster* da construção transitiva possui alta cobertura (*coverage*, cf. Goldberg, 2019), um fator cognitivo de domínio geral que engloba todos os aspectos que contribuem para a alta acessibilidade (Suttle e Goldberg, 2011). Alta cobertura propicia, por sua vez, novos usos, seja por variação, extensão ou atração de sentidos (Goldberg, 2019). Portanto, a construção transitiva é um padrão familiar a partir do qual o usuário pode ser criativo em seu uso, assim como foi ao consolidar o uso da construção 'cortei o cabelo' e como pode ser em outras construções inovadoras no futuro.

Além de fatores cognitivos de domínio geral, como acessibilidade e familiaridade, fatores funcionais também desempenham um papel importante na medida em que novos usos, assim como os já existentes, serão regidos por generalizações que emergem das funções (por que são usadas comunicativamente) que as construções apresentam. Um desses fatores funcionais é o cenário convencionalizado que se associa à semântica da construção. Cenários convencionalizados correspondem a eventos cotidianos que são familiares aos usuários da língua e compostos por várias subpartes (ou sub-eventos). Essas sub-partes não são codificadas individualmente, mas empacotadas cognitivamente e linguisticamente como um evento único (Goldberg, 1995). Isso permite que esses eventos sejam expressos por uma construção única, que não revela essas sub-partes. A construção 'cortei o cabelo' exemplifica esse tipo de construção específica a um nicho comunicativo, cujos aspectos semântico-funcionais giram em torno de um cenário convencionalizado.

---

[2] Tal qual definido pela psicologia, familiar é um sinal acontextual de que algo já foi testemunhado anteriormente (cf. Mandler, 1980; Henson, 2015).

2. Metodologia

2.1. Corpus e seleção dos dados

Foi realizada uma busca no Corpus do Português: NOW (Davies, 2016), restringindo-se os dados à seção referente ao português brasileiro (Sections Brasil). Utilizou-se a opção *List*, com agrupamento por palavras (*Group by words*) e exibição em frequência absoluta (*Display raw freq*). Considerando que a identificação de instâncias da construção 'cortei o cabelo' exigia verificação contextual, todas as ocorrências recuperadas foram examinadas individualmente, de modo a confirmar se tratavam-se mesmo da construção. As buscas foram conduzidas por meio de padrões oracionais específicos, tais como CORTAR o cabelo, ABASTECER o carro, INSTALAR NOUN etc, entre outras variações possíveis. A pesquisa contemplou 16 verbos[3] previamente selecionados como altamente passíveis de ocorrer na construção (cf. estudos anteriores: Ciríaco (2015), Maciel, Ciríaco e Santos, (2022))[4]. Nos casos em que a busca retornou grande quantidade de ocorrências, os dados foram embaralhados (*shuffle*) e foram analisadas as 100 primeiras entradas recuperadas.[5] Tanto a frequência absoluta quanto a frequência por mil (‰) foram configuradas para aparecer de acordo com o lema pesquisado.

2.2. Protocolo experimental: o questionário

Para verificar o sentido da construção, aplicamos um questionário com finalidade exploratória, que consistiu em um experimento de escolha forçada, em que os participantes deveriam responder à pergunta 'Qual das frases é a melhor paráfrase para a sentença X?' - sendo X = uma instância da construção '(eu) cortei o cabelo'. Para elaborar as frases que ocuparam o lugar de X, usamos os mesmos 16 verbos utilizados na busca em *corpus* (cf. seção 2.1) mais a palavra que apareceu mais frequentemente na busca como seu objeto direto (no caso de 'cortei', usamos 'cabelo' pois essa era a palavra que aparecia mais frequentemente na posição de objeto do verbo, no sentido relevante para a construção). Os participantes escolheram entre duas opções de resposta ('eu tive meu cabelo cortado' X 'eu pedi para cortarem meu cabelo'), ambas privilegiando a interpretação de beneficiário geralmente associada à construção 'cortei o cabelo' (em detrimento da possível interpretação causativa, em que se poderia mesmo ter cortado o próprio cabelo), para que o participante fosse direcionado a pensar sobre o sentido da construção, e não outro. Para serem paráfrases fidedignas, as respostas apresentavam o sujeito sempre

---

[3] Verbos: abastecer, alinhar, apertar, aspirar, colocar, consertar, construir, cortar, emoldurar, fazer, imprimir, instalar, lavar, pintar, reformar, tirar.

[4] Após pré-seleção semântica dos verbos, eles foram checados com base em sua frequência de ocorrência, estando todos dentro dos 5 mil verbos mais frequentes da língua (cf. Davies e Preto-Bay, 2008).

[5] A pesquisa não teve caráter exaustivo, concentrando-se em aspectos considerados mais relevantes para os objetivos do estudo; por isso, variáveis como tempo verbal e outras não foram controladas.

na primeira pessoa do singular (eu) e sempre os mesmos participantes da construção questionada (ou seja, no exemplo em questão, 'eu' e 'cabelo'). O questionário foi hospedado na plataforma PCIbex (Zehr; Schwarz, 2018) e teve 43 respondentes (32 mulheres, 9 homens e 2 outros), todos falantes nativos de português brasileiro[6], majoritariamente com curso universitário completo ou cursando e idade média de 28 anos. Todos os respondentes participaram de forma voluntária, após manifestarem concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)[7].

2.3. Critérios de análise estatística

Após a organização da amostra, foi realizada uma análise quantitativa dos dados por meio do *software* RStudio (RStudio Team, 2020), ambiente integrado ao sistema R. Procedeu-se ao cálculo de porcentagens com o objetivo de comparar as respostas dadas no questionário. Os dados também foram analisados por meio de um teste de qui-quadrado, com o objetivo de verificar se a distribuição de respostas diferia significativamente de uma distribuição aleatória (50/50). A análise estatística (teste qui-quadrado) foi realizada com auxílio do modelo de linguagem Claude (Sonnet 4.6, Anthropic), por meio da interface claude.ai. Os cálculos foram executados em Python (biblioteca scipy.stats).

3. A construção 'cortei o cabelo'

Como mencionado na introdução, este artigo objetiva responder duas questões sobre a construção 'cortei o cabelo': como ela emerge na língua e por que os falantes a usam do modo que a usam. Já explicamos que a alta cobertura e, consequentemente, a alta acessibilidade cognitiva da construção transitiva (cf. seção 1) a tornam um padrão muito disponível cognitivamente. Portanto, é exatamente essa disponibilidade cognitiva que permite que os falantes se baseiam nela para criar novos usos que expressem a mensagem pretendida no contexto de uso, como é o caso da construção 'cortei o cabelo'. Em outras palavras, estando mais disponível, a construção transitiva tende a atrair e ser atraída por novos sentidos (cf. Goldberg, 2023). O diagrama 1 representa a dinâmica de atração entre as duas construções, que é mediada pelas propriedades de agentividade compartilhadas por ambas. As setas indicam a motivação mútua entre elas.

---

[6] O questionário foi aplicado na UFMG, mas infelizmente não coletamos informações sobre a origem geográfica de cada participante.

[7] Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais - Nº Registro CEP: CAAE 60698022.1.0000.5149.

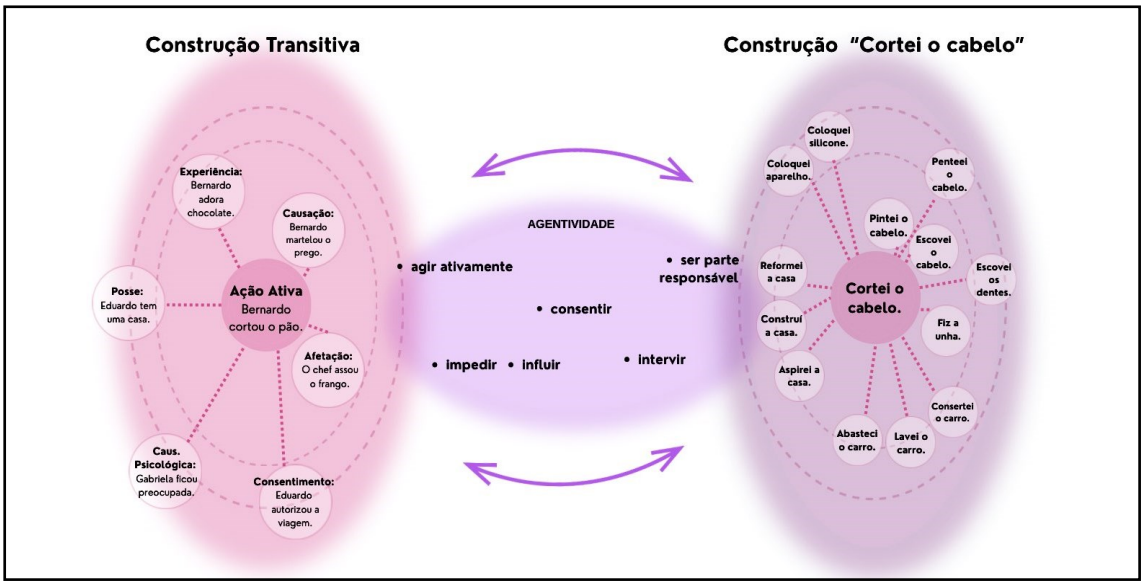


DIAGRAMA 1 – Dinâmica de atração entre a construção transitiva prototípica e a construção 'cortei o cabelo'.
Fonte: Elaborado pelas autoras, 2026.

Assim, a construção 'cortei o cabelo' emerge na língua como uma construção de estrutura argumental (ou seja, como um padrão oracional associado a cenas da experiência humana) que compartilha a mesma forma da construção transitiva, além de alguns de seus atributos semânticos (como a associação da posição de sujeito a propriedades agentivas), mas com um sentido geral especial, não composicional.

Os falantes usam a construção 'cortei o cabelo' porque ela atende nossa necessidade de **comunicar que um serviço ou cuidado foi obtido *como se* fôssemos, de alguma maneira, o agente**, mesmo que não tenhamos realizado o evento descrito pelo verbo. Ela fornece, portanto, um meio conciso de expressar essa função comunicativa, que, por sua vez, motiva todas as seguintes observações.

3.1. A forma da construção é motivada, não arbitrária

Dada sua função, é possível prever que a construção 'cortei o cabelo' terá a forma da construção transitiva, pois, além de ser altamente acessível e disponível cognitivamente, sua posição de sujeito está prototipicamente associada ao participante agente, e uma das peculiaridades da função da construção 'cortei o cabelo' é "comunicar [...] como se fôssemos o agente". Sendo assim, o uso da forma da construção transitiva imputa ao participante que ocupa a posição de sujeito da construção 'cortei o cabelo' características ou comportamentos semelhantes aos de um agente, tais como a capacidade de intervir, influir, consentir, impedir (não apenas a capacidade de agir ativamente). A junção de acessibilidade

cognitiva + possibilidade de se associar características agentivas ou semelhantes às agentivas ao participante em posição de sujeito faz da forma da construção transitiva (SVO) a configuração oracional mais adequada para veicular a mensagem pretendida.

3.2. O sentido é especial e específico, mas não arbitrário

O sentido da construção 'cortei o cabelo' é especial e específico, não estando sujeito a princípios gerais de interpretação – a interpretação preferencial[8] é a da construção, e não a do sentido composicional em que se corta o próprio cabelo. Ao mesmo tempo, esse sentido não é arbitrário, mas motivado pela função da construção, como mostram os dados do questionário: em 64,3% (n = 241) do total de respostas, os participantes escolheram a opção 'eu tive o cabelo cortado' como melhor paráfrase para 'eu cortei o cabelo', contra apenas 35,7% das respostas (n = 134) em que os participantes escolheram a alternativa 'eu pedi para cortarem meu cabelo'. Os resultados do teste de qui-quadrado indicam preferência estatisticamente significativa pela paráfrase 'eu tive o cabelo cortado' ($\chi^2 = 30{,}531$; $p < 0{,}0001$).

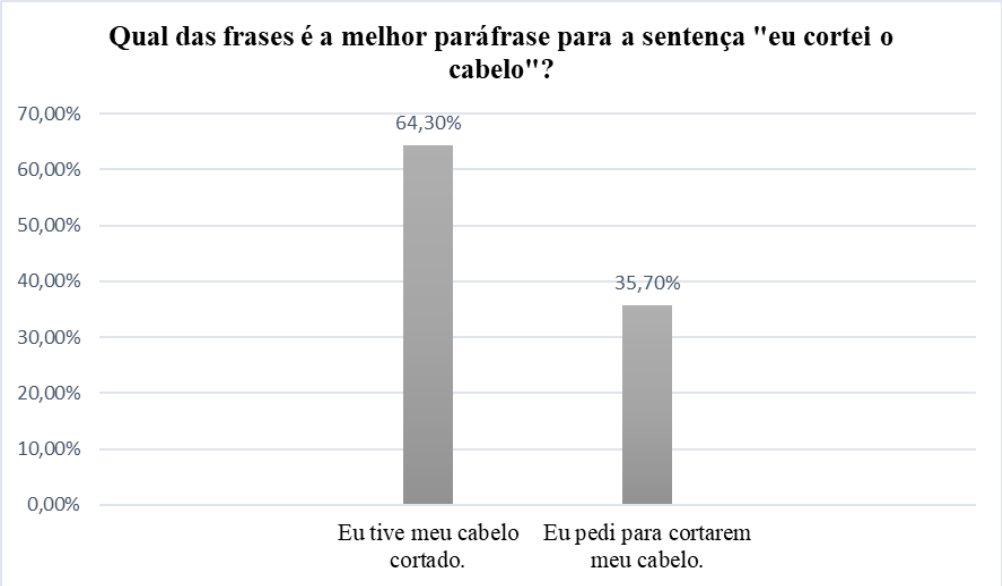


GRÁFICO 1 – Resultados do Questionário.
Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

A preferência por paráfrases do tipo 'eu tive meu cabelo cortado' em detrimento da alternativa ('eu pedi para cortarem meu cabelo') mostra que os usuários da língua estão cientes da função da construção na medida em que reconhecem seu principal objetivo: comunicar que algo foi obtido.

8 Ver Maciel, Ciríaco e Santos (2022) para uma análise de vários exemplos mostrando que a interpretação da construção 'cortei o cabelo' é preferencial nesse contexto.

Embora em termos inferenciais o argumento em posição de sujeito tome parte do serviço ou cuidado de alguma maneira, nem que seja consentindo ou possuindo capacidade de interromper o cuidado ou serviço, não faz parte da função da construção comunicar o que exatamente ele fez para obter o serviço ou cuidado em questão – como agendar o serviço, explicar como ser feito, escolher o que usar para realizá-lo, pagar por ele, etc. Além disso, para veicular o sentido de 'cortei o cabelo', é preciso que o participante que obtém o serviço ou cuidado apareça como sujeito do verbo que o descreve, caso contrário poderia-se apenas usar a paráfrase 'eu tive meu cabelo cortado', mas, como se sabe, não é isso que acontece.

A paráfrase 'eu tive meu cabelo cortado' parece ocupar outro nicho funcional, como mostra o exemplo a seguir, em que a ação foi realizada contra a vontade do participante que a recebe (5) ou por meio compulsório (6) (cf. grifos nossos):

(5) Jovem mantida refém é torturada e **tem o cabelo cortado** por membros de facção criminosa em Fortaleza Polícia prendeu dois homens suspeitos de (...). (Corpus do Português: NOW)

(6) Ao chegar ao presídio de Bangu na noite de quinta-feira (17), Sérgio Cabral **teve o cabelo cortado** e trocou a camisa social pelo uniforme da unidade prisional: camisa verde, calça azul e chinelo. (Corpus do Português: NOW)

Em outras palavras, embora os falantes reconheçam a construção alternativa 'eu tive meu cabelo cortado' como paráfrase mais adequada, eles não a escolhem para veicular o sentido pretendido porque só a construção 'cortei o cabelo' possibilita o entendimento de que se tem alguma agência (ou característica semelhante à de alguma agência) sobre o serviço ou cuidado obtido. A construção 'cortei o cabelo' é, assim, a melhor opção disponível na língua para veicular a mensagem pretendida, tanto em termos de forma quanto em termos de significado.

3.3. Nem todos os verbos podem ocorrer na construção 'cortei o cabelo'

Embora análises lexicalistas afirmem que a construção é regida por uma restrição de "sujeito beneficiário" (cf. Cançado, 2006), há dados que mostram que o participante em posição de sujeito da construção nem sempre é o beneficiário do evento descrito pelo verbo (cf. grifos nossos):

(7) "sensação de missão cumprida - **reformei a casa da minha mãe** e tá finalmente tudo pronto" - (**berje** @cezarberje 20 de dez de 2020)

(8) "Um dos reis do açúcar na época , o francês Jacques Telesphore Roman, **construiu a casa para dar de presente à sua noiva**." - (Sketch Engine - Brazilian Portuguese Corpus)

(9) "Estou conseguindo dar mais conforto para a minha família. **Já reformei toda a casa dos meus pais em Campos**." - (Sketch Engine - Brazilian Portuguese Corpus)

Por outro lado, a função da construção prediz que apenas verbos que denotam eventos que são convencionalmente reconhecidos pela comunidade linguística como **serviços** (cortar, abastecer, reformar, construir, etc) ou **cuidados** (escovar, pentear, etc) podem ocorrer nela. Desse modo, não podemos dizer 'eu carreguei o sofá' querendo dizer que eu obtive o sofá carregado por alguém, porque 'carregar o sofá' não expressa um serviço convencionalmente prestado em nossa sociedade, ainda que, eventualmente, se tenha contratado ou combinado com alguém um serviço desse tipo. Da mesma forma, as orações 'eu pendurei os quadros', 'eu colei os papéis', ou 'eu acendi as lâmpadas' não podem ser interpretadas no sentido especial da construção, pois esses eventos não são entendidos no cenário de **prestação de serviços ou cuidados** pela comunidade linguística, ou seja, embora possíveis, pendurar quadros, colar papéis ou acender lâmpadas não são vistos convencionalmente como serviços ou cuidados pela comunidade. Assim, não são todos os tipos possíveis ou imaginados de serviços ou cuidados que podem ser instanciados pela construção, mas apenas serviços e cuidados já convencionalizados pela comunidade linguística.

Os eventos também precisam ser familiares. Por exemplo, salvo jargões e usos de grupos sociais específicos, até onde sabemos não é possível interpretar casos imaginários como 'eu defendi meu caso' como se tivéssemos contratado e pagado um advogado para fazer a defesa no tribunal, visto que 'defender um caso', embora possa ser um serviço prestado por um advogado, não é familiar no sentido da construção – ou seja, nunca foi testemunhado sendo usado dessa maneira. Por outro lado, eventos como 'fazer uma cirurgia', 'arrancar o dente', etc, embora pouco rotineiros, nos são familiares. Em outras palavras, eventos que não são familiares como serviços ou cuidados prestados não podem ser veiculados pela construção 'cortei o cabelo'.

Também decorre da função da construção que o evento seja interpretado como se todos os pequenos passos que levam ao seu resultado final constituam um evento único, que é concisamente empacotado como um único cenário convencionalizado. Por exemplo, no caso de um corte de cabelo, isso envolve ir ou ligar para o salão de beleza, agendar o serviço, ajustar detalhes do serviço com o profissional, obter a realização do serviço e pagar por ele. Todas essas atividades levam ao resultado final de ter seu cabelo cortado, que será relatado mais tarde simplesmente como 'cortei o cabelo'. Portanto, a construção permite que os usuários interpretem todas as atividades relacionadas à obtenção de um corte de cabelo como um cenário convencionalizado que empacota todas essas informações em um só verbo. Tudo isso é transmitido por meio de uma forma de construção muito familiar, que é a transitiva.

Desse modo, a construção 'cortei o cabelo' se limita ao cenário convencionalizado de serviços ou cuidados prestados (cf. Maciel, Ciríaco e Santos, 2022), como mostrado no quadro 1.

Cenários	**Eventos**
Serviços automobilísticos	consertar, alinhar, abastecer, lavar
Serviços estéticos ou Cuidados	arrumar, pintar, fazer, escovar, pentear
Serviços de reforma e construção	pintar, construir, reformar
Serviços de manutenção da vida cotidiana	xerocar, imprimir, apertar, aspirar, emoldurar
Serviços médicos ou cirúrgicos	colocar, tirar, arrancar

QUADRO 1 – Cenários e respectivos eventos.
Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

Portanto, apenas uma análise construcionista baseada no uso pode explicar a distribuição da construção, visto que só ela reconhece a função comunicativa como aspecto central ao uso que fazemos da língua.

3.4. Apenas determinadas combinações são possíveis

A função da construção 'cortei o cabelo' também nos permite prever que construções cujas funções não são compatíveis não poderão ser combinadas com ela. Por exemplo, o sentido da construção não pode ser passivizado:

(10) ?? O cabelo foi cortado por mim. (no sentido relevante)

Não é possível interpretar a construção passiva em (10) no sentido de que eu obtive um corte de cabelo, o único sentido possível é aquele em que eu fui o agente direto do evento. Essa incompatibilidade ocorre devido a um choque de funções: enquanto a passiva requer um agente prototípico ou o mais próximo possível dele (Ciríaco, 2011, 2021; Ciríaco e Guimarães de Lima, 2026), a ser omitido ou expresso no sintagma preposicional, a construção ‘cortei o cabelo’ apresenta como sujeito um participante que, apesar de ser apresentado como se fosse um agente (ou seja, com propriedades semelhantes às de um agente), não pode ser agente direto.

Ademais, a combinação com um sintagma encabeçado pela preposição ‘com’ – que permite a expressão do agente direto – é possível, como em ‘eu cortei o cabelo com o cabeleireiro’ e outros dados como:

(11) – **Cortei o cabelo** com a equipe de caracterização para me rejuvenescer. Adorei o resultado! – elogia. (Corpus do Português: NOW)

4. Ocorrência em outras línguas

A construção 'cortei o cabelo' não é rara nem particular ao português brasileiro. Ela também possui ocorrência em línguas como o inglês ('*I cut my hair*') (cf. Santos; Ciríaco; Souza, 2019), o italiano (*Ho tagliato i capelli*) e o albanês (*Unë preva flokët*), conforme falantes nativos nos reportaram informalmente. Isso mostra que a construção reflete um sentido e uma função importantes para as pessoas. Em outras palavras, apesar de ser uma construção de nicho quando comparada à construção transitiva, a construção 'cortei o cabelo' revela o que é relevante para as pessoas do ponto de vista comunicativo. A presença da construção em outras línguas também revela seu caráter altamente contextual, baseado no uso, na medida em que há diferenças de uma língua para outra: por exemplo, no Brasil é comum dizer 'abasteci o carro' para comunicar a obtenção de um serviço cuja ação foi realizada pelo frentista. Por outro lado, nos Estados Unidos, '*I filled up the car*' refere-se à ação direta do motorista e não pode ser usada para veicular o sentido da construção. Esse contraste evidencia a importância de uma abordagem baseada no uso para explicar a construção do ponto de vista tipológico também, o que pode ser objeto de investigação em estudos futuros.

5. Conclusões

Neste artigo, argumentamos que uma abordagem baseada no uso é necessária para explicar a forma, o sentido, a distribuição e a combinação da construção 'cortei o cabelo' com outras construções. Mostramos que a construção 'cortei o cabelo' emerge na língua como uma construção de estrutura argumental a partir da construção transitiva, uma construção altamente disponível na língua. Argumentamos que o uso da construção é motivado por sua função, qual seja, comunicar que um serviço ou cuidado foi obtido *como se* fôssemos, de alguma maneira, o agente (embora não o sendo). Também mostramos que, uma vez reconhecida sua função, todas as propriedades observadas se desenrolam naturalmente, tais como: a escolha da forma transitiva, o sentido específico e centrado em um cenário convencionalizado de prestação de serviços ou cuidados e a impossibilidade de o sentido ser passivizado, além da combinação com a construção agentiva encabeçada pela preposição 'com'. Apesar das limitações (como tamanho reduzido da amostra, conjunto limitado de dados e ausência de informações variacionistas como a origem geográfica dos participantes do questionário), este artigo contribui com uma abordagem construcionista baseada no uso e aponta como futuros desdobramentos a realização de estudos tipológicos mais sistemáticos sobre a construção 'cortei o cabelo'.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: https://doi.org/10.25189/rabralin.v25i2.2361.R

Editores

Fernanda Rosa da Silva
Afiliação: Universidade Federal de Minas Gerais
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0599-8805

Luiz Fernando Ferreira
Afiliação: Universidade Federal de Roraima
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7120-0171

Marta Donazzan
Afiliação: Centre National de la Recherche Scientifique; Nantes Université
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2632-0526

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Wellington Araujo Mendes Junior
Afiliação: Universidade Federal de Uberlândia
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1459-4183

Avaliador 2: Ivo Rosário
Afiliação: Universidade Federal Fluminense
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1315-6787

AVALIADOR 1

1. Sobre o título: O título corresponde ao fenômeno analisado e delimita adequadamente o objeto empírico. Contudo, uma especificação do enquadramento teórico ou do tipo de abordagem (por exemplo, construcionista ou baseada no uso) tornaria a correspondência entre título e conteúdo mais precisa (uma vez que a análise se restringe a uma abordagem constructionista).

2. Resumo: O resumo apresenta, de forma clara, objetivo, relevância do tema, metodologia e resultados finais. A declaração do objetivo, no resumo, combina com o objetivo da introdução.

3. Introdução: A introdução conduz ao objetivo de forma relativamente linear, mas com forte dependência de pressupostos teóricos já assumidos como válidos. A construção é apresentada desde o início como extensão da transitiva e como motivada por fatores funcionais, o que reduz o espaço argumentativo para que a análise empírica desempenhe papel decisivo. A revisão bibliográfica privilegia autores da Gramática de Construções e da Linguística baseada no uso, com pouca interlocução com trabalhos de semântica formal, tipologia de causativas, voz média, ou construções de beneficiário/agente em outras abordagens. Considerando que o fenômeno discutido possui ampla literatura fora do construcionismo, o resultado é uma sensação de fechamento prematuro do referencial teórico.

3.1 São apresentados exemplos extraídos do Sketch Engine. Contudo, tendo em vista que o Sketch Engine é uma ferramenta de compilação de diferentes corpora, sugiro que seja explicitado qual corpus foi utilizado em cada exemplo ilustrado.

4. Metodologia

A seção metodológica apresenta alguns problemas de delineamento, descrição insuficiente dos procedimentos e fragilidade inferencial. Ver abaixo:

4.1. “Foram coletados dados do Corpus do Português: NOW (Davies, 2016) para 16 verbos previamente selecionados com base em estudos anteriores (...) todos checados para frequência - dentro dos cinco mil verbos mais frequentes da língua”

A escolha do conjunto de verbos é apresentada como baseada em estudos anteriores, mas não se explicita por que esses verbos seriam representativos da construção nem se houve controle semântico, sintático ou distribucional. O critério de frequência não garante representatividade da construção investigada, e a dependência de trabalhos anteriores gera circularidade metodológica.

4.2. “Os dados foram embaralhados aleatoriamente usando a ferramenta shuffle e os 100 primeiros resultados foram analisados manualmente.”

Recomendo indicar o total de ocorrências encontradas, justificar o tamanho da amostra e explicitar critérios de inclusão/exclusão.

4.3 “os 100 primeiros resultados foram analisados manualmente.”

Neste ponto, não houve uma definição formal de quais propriedades sintáticas e semânticas caracterizam a construção. Sem critérios explícitos, a classificação depende apenas do julgamento do pesquisador. Sugiro apresentar critérios operacionais claros (por exemplo: estrutura SVO, leitura

não-agentiva do sujeito, interpretação de serviço, etc.) e indicar como esses critérios foram aplicados na triagem.

4.4 Não há informações sobre idade, escolaridade, região, perfil linguístico ou critérios de seleção dos participantes. É desejável incluir tais informações.

4.5 "Os dados de corpus também foram utilizados como subsídio na elaboração do questionário experimental.

O questionário consistiu em um experimento de escolha forçada..."

O corpus e o experimento são descritos no mesmo bloco, sem subdivisão. Isso dificulta avaliar o desenho de pesquisa. Sugestão de encaminhamento: Dividir a seção em subseções explícitas, por exemplo:

2.1 Corpus
2.2 Seleção dos dados
2.3 Protocolo experimental
2.4 Critérios de análise

5. RESULTADOS

5.1 O artigo assume que a construção *cortei o cabelo* é uma extensão da construção transitiva, mas não a posiciona de forma explícita dentro de uma tipologia de construções, nem discute se se trata de construção idiomática, parcialmente esquemática, resultativa, causativa indireta, ou construção de serviço/beneficiário. A ausência desse enquadramento dificulta avaliar o estatuto gramatical da construção e sua relação com outros padrões já descritos na literatura. O problema se torna evidente porque a análise recorre à noção de construção, mas não utiliza critérios classificatórios formais, como os propostos na tradição de Construction Grammar. Alguns trechos que evidenciam a lacuna:

"A construção 'cortei o cabelo' é um padrão oracional convencional (...) Embora na forma a construção seja uma simples transitiva, semanticamente o participante em posição de sujeito não é aquele que corta..." e "argumentamos que a construção 'cortei o cabelo' emerge como extensão da construção transitiva"

Seria desejável situar a construção dentro de uma tipologia construcional explícita, discutindo sua relação com construções substantivas vs. formais, codificáveis vs. descodificáveis, gramaticais vs. extragramaticais, como nos termos de Fillmore, Kay & O'Connor (1989), ou com classificações posteriores da Gramática de Construções.

5.2 "O questionário foi conduzido de maneira exploratória (...) sem a presença de hipóteses preestabelecidas."

Os resultados são apresentados apenas em porcentagens, sem teste estatístico. Apesar disso, o artigo formula conclusões explicativas. Sugere-se aplicar, no mínimo, um teste qui-quadrado.

5.3 A relação entre dados de corpus e hipóteses não é explicitada quantitativamente. Não se informa frequência relativa da construção, índices de produtividade, nem comparação com formas alternativas. A ausência desses dados enfraquece a tese de alta acessibilidade e cobertura.

6. GENERALIDADES

6.1 Em geral, os exemplos são pertinentes, mas funcionam como ilustração, não como base empírica sistemática. Por isso, sugiro uma revisão textual mais acurada e modalização de argumentos ao longo de todo o artigo.

6.2 A seção final sugere universalidade cognitiva a partir de poucos exemplos de outras línguas, baseados em relato informal de falantes. Esse tipo de evidência é insuficiente para sustentar generalização tipológica.

6.3 Com relação às normas formais e às referências, ambas se encontram acuradas e consistentes.

6.4 Conforme já mencionado, a interpretação apresentada confirma, em grande medida, trabalhos anteriores das próprias autoras e de estudos já desenvolvidos dentro da mesma linha teórica, mas há pouca confrontação com análises alternativas do mesmo fenômeno.

6.5 O manuscrito não apresenta anexos formais. Assim, sugiro explicitar no texto como cada figura foi construída, a partir de quais dados, e qual seu estatuto (descritivo, ilustrativo ou analítico).

6.6 É desejável descrever explicitamente as limitações do estudo (tamanho da amostra, recorte lexical, desenho experimental) e sugerir desdobramentos, como:

- comparação tipológica entre línguas,
- experimentos controlados de julgamento,
- análise quantitativa mais ampla em corpus,
- distinção entre tipos de construções de serviço.

A ausência desse movimento final reforça a impressão de que o artigo apresenta uma explicação já considerada conclusiva, sem discutir o que ainda permanece em aberto.

AVALIADOR 2

O manuscrito apresenta título preciso e coerente com o objeto investigado, refletindo adequadamente a proposta teórica e os resultados alcançados. O resumo é claro, bem estruturado e mantém consonância com os objetivos explicitados na introdução, que conduz de forma lógica à problemática do estudo. A metodologia mostra-se pertinente ao objetivo proposto, combinando análise de corpus e questionário experimental com descrição suficiente para reprodução do estudo. Falta, contudo, um refinamento maior do perfil dos entrevistados. Os resultados são articulados de maneira consistente com os dados apresentados e sustentam a interpretação defendida pelas autoras, sem mera repetição descritiva, mas há alguns aspectos que merecem modalização, como a asserção categórica de que "eventos que não descrevem serviços familiares e habituais não podem ser veiculados pela construção 'cortei o cabelo'. Sem dúvida, esse é um padrão muito forte no português, mas não parece ser categórico, como sustentado pelas autoras. A discussão dialoga com bibliografia especializada e evidencia contribuição relevante para os estudos construcionistas baseados no uso. As referências, em linhas gerais, seguem padrão acadêmico adequado. Trata-se de trabalho teoricamente consistente e relevante para a área, ressalvados os aspectos aqui enumerados e indicados na forma de comentários ao longo do texto.

Conflito de Interesse

As autoras não têm conflitos de interesse a declarar.

Link para *Preprint*

O manuscrito foi depositado em: https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/authorDashboard/submission/13596.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Os autores confirmam que avaliaram os roteiros propostos pela Equator Network e consideram que nenhum deles se mostra relevante para a pesquisa em tela. Também informamos que a pesquisa desenvolvida não foi pré-registrada em repositório institucional independente.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Os dados que amparam os resultados deste estudo foram majoritariamente expostos ao longo do texto, mas também podem ser disponibilizados integralmente pelo autor correspondente, mediante solicitação.

Pesquisa com seres humanos e ética

Esta pesquisa aplicou questionário aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – Nº Registro CEP: CAAE 60698022.1.0000.5149.

Agradecimentos

As autoras agradecem os pareceristas que avaliaram este artigo, cujos comentários e sugestões contribuíram muito para sua versão final. Erros remanescentes são de nossa inteira responsabilidade.

Fontes de financiamento

Este trabalho usufruiu de financiamento concedido através da Chamada Universal/CNPq 2022 e de auxílio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Bolsa de Mestrado, 88887.693962/2022-00.

REFERÊNCIAS

BARLOW, M.; KEMMER, S. *Usage-Based Models of Language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.

BYBEE, J. L. *Language, usage, and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CANÇADO, M. *Talking about Agents and Beneficiaries.* In: Rara & Rarissima Conference/Max Planck Institute, 2006, Leipizig. Disponível em: http://email.eva.mpg.de/ rara2006/abstracts.html.

CIRÍACO, L. A *construção transitiva em PB*: associando a gramática de construções à decomposição lexical. Alfa: Revista de Linguística, São Paulo, v. 58, n. 2, 2014.

CIRÍACO, L. A *construção transitiva de sujeito agente-beneficiário no português brasileiro*. Caligrama: Revista de Estudos Românicos, v. 19, n. 2, p. 83-98, 2015.

CIRÍACO, L. A *função motiva a gramática: evidências de construções (de estrutura argumental) em português*. A Cor das Letras, v. 26, p. 221-235, 2025. Disponível em: https://ojs3.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/12347

CIRÍACO, L. *A hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática e as construções incoativa, medial e passiva do PB*. 2011. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

CIRÍACO, L. *O papel de fatores funcionais na compatibilização semântica entre verbo e construção de estrutura argumental passiva em português brasileiro*. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, v. 63, n. 00, p. e021022, 2021.

CIRÍACO, L; GUIMARÃES DE LIMA, Y. The passive construction in Brazilian Portuguese: function explains its distribution and frame semantics influences its acceptability. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*. 2026. Vol. 42(1). DOI: 10.1590/1678-460x202642165281.

CROFT, W; CRUSE, D. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, W. *Linguistic evidence and mental representations*. Cognitive Linguistics, v. 9, n. 2, p. 151-174, 1998.

DAVIES, M. *Corpus do Português: News on the Web* (NOW). 2016-. Disponível em: https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso em: 17 de setembro de 2023 a 21 de setembro de 2023.

DAVIES, M.; PRETO-BAY, A. A frequency dictionary of Portuguese: core vocabulary for learners. New York: Routledge, 2008.

EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Accessibility and Attractor Dynamics over Historical Time*. Palestra proferida em 27 nov. 2023. Canal Linguistics and English Language at the University of Edinburgh, YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=v7FHKS0IC74. Acesso em: 9 jun. 2026.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a new theoretical approach to language*. Trends in Cognitive Sciences, v. 7, n. 5, p. 219–224, 2003.

GOLDBERG, A. E. *Explain me This: creativity, competition, and the partial productivity of constructions*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2019.

HENSON, R. Familiarity. In: TOGA, Arthur W. (ed.). Brain Mapping: an encyclopedic reference. Academic Press, p. 515-517, 2015. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/B9780123970251002785. Acesso em: jun. 2026.

HERBST, T.; GOLDBERG, A. E. The nice-of-you construction and its fragments. *Linguistics*, v. 59, n. 1, p. 119-158, 2021.

LANGACKER, R. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

MACIEL, I; CIRÍACO, L; SANTOS, C. *"Cortei o cabelo ou tive o cabelo cortado?": Corpus- Based Analysis for the Caused-Action Construction in Brazilian Portuguese.* Cadernos de Linguística, v. 3, n. 1, p. e665, 21 Dec. 2022. Disponível em: https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/665. Acesso em: jun. 2026.

MANDLER, G, Recognizing: The judgment os previous occurrence. *Psychological Review*, v. 87, n. 3, p. 252-271, 1980.

RSTUDIO Team. *RStudio: Integrated Development for R*. RStudio Inc. Boston, MA. 2020. Disponível em: http://www.rstudio.com/. Acesso em: dez. 2023.

SANTOS, C; CIRÍACO, L; SOUZA, R. *The caused-action construction in Brazilian Portuguese (Brp) and its effects on the comprehension and production of BrP-English Bilingual Speakers*. Diacrítica, v. 33, n. 2, p. 216-228, 2019.

SUTTLE, L.; GOLDBERG, A. E.. The partial productivity of constructions as induction. *Linguistics*, v. 49, n. 6, 2011. p. 1237-1269. DOI: https://dói.org/10.1515/ling.2011.035.

TOMASELLO, M. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*. Cambridge, MA & London: Harvard University Press, 2003.

TOMASELLO, M. *Origins of human communication*. Cambridge: MIT Press, 2008.

TOMASELLO, M. *The cultural origins of human cognition*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

ZEHR, J; SCHWARZ, F. *PennController for Internet Based Experiments* (IBEX). 2018. DOI: 10.17605/OSF.IO/MD832. Disponível em: https://osf.io/md832/. Acesso em: nov. 2023.